

FURO

Boletim Informativo da **Associação Científica Campo Psicanalítico** de Salvador e Ilhéus e do **Fórum do Campo Lacaniano** na Bahia

Ano 4 Nº 11. Março de 2003

Neste número 11, o FURO - Boletim do Campo Psicanalítico - concede destaque ao tema que foi escolhido como eixo central do seu programa de atividades de transmissão, pesquisa e clínica em 2003 - O sujeito da psicanálise.

Na entrevista concedida ao FURO por Angélica Teixeira - Analista Membro da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano e Membro do Campo Psicanalítico de Salvador - o sujeito da psicanálise surge a partir das respostas da entrevistada às questões relacionadas ao tema do Fórum O SUJEITO E O OUTRO. Enquanto $\$$, podemos encontrar, então, o sujeito da psicanálise circulando nos 4 discursos propostos por Lacan: o Discurso do Senhor, o Discurso da Histérica, o Discurso da Universidade, o Discurso do Analista, mostrando-se, ainda, no Discurso do Capitalista.

Também neste número 11, o FURO antecipa as atividades do Campo Psicanalítico em 2003, concedendo aos responsáveis por seus Seminários, Cursos, Grupo de pesquisa, Cartéis e Clínica Social ANALISE, um espaço para que, de forma introdutória, situem o trabalho a ser realizado.

Por sua vez, O Campo Psicanalítico de Ilhéus apresenta a sua proposta de trabalho para 2003. Em sintonia e intercâmbio com o Campo Psicanalítico de Salvador - O sujeito da psicanálise - foi o tema escolhido para estudo e debate nas suas atividades de transmissão, pesquisa e clínica.

É ainda O sujeito da psicanálise que vamos encontrar anunciado como tema na III Jornada do Campo Psicanalítico e, na IV Jornada da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano, deverá ser trabalhado o tema Do sujeito enfim em questão.

Entrevista com Angélica Teixeira

FURO: Que tratamento é dado aos léxicos, o sujeito e o Outro na teoria psicanalítica?

Angélica Teixeira: A psicanálise tem sido abordada de distintos modos. Concebê-la como um discurso é o que propôs Lacan no final dos anos sessenta, configurando além da formulação o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a formulação o inconsciente ex-siste ao discurso. Nesta tradição, inscreve-se o sujeito do inconsciente ($\$$), definido como o que um significante representa para um outro significante, em suas condições históricas determinadas pelos avanços da ciência e da ética.

O discurso, rompendo com a estrutura de três elementos na qual o sujeito está fixado como único efeito do par significante, $S_1 \rightarrow S_2$, apresenta-se como uma estrutura de quatro lugares fixos, a saber, o agente, o outro, a produção e a verdade, que podem ser ocupados por quatro termos, também chamados de letras, quais sejam, o sujeito, o objeto a , o significante mestre - S_1 , e o significante do saber - S_2 , em permutação circular, obedecendo ao princípio de um quarto de giro.

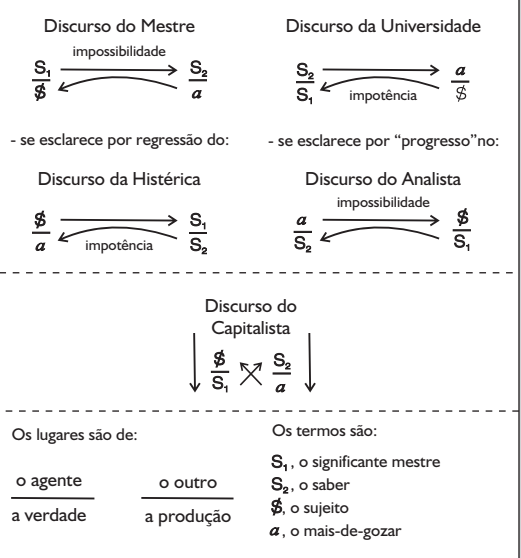
Fica então o sujeito situado como um termo da estrutura do discurso, ganhando desse modo o estatuto de posições do sujeito que se modalizam em cada discurso.

Quanto ao Outro, é aí tratado como um lugar do discurso, ou dito de outro modo, não há discurso sem a intrínseca presença do lugar do outro. Parece portanto, fundamental na clínica psicanalítica interrogar acerca das diferentes relações do sujeito com o outro nos diversos discursos, que devemos chamar de formalização dos laços sociais marcados pelos seus modos de gozo.

F: Por que definir a clínica psicanalítica como a clínica do sujeito?

AT: Rapidamente responderia, porque se trata do sujeito do inconsciente. Porém, imediatamente interrogaria se a concepção de sujeito do inconsciente situada fora da estrutura do discurso, sem a referência aos seus quatro lugares essenciais acima citados, e, colocado apenas na dimensão do efeito do sujeito do significante, sem estar associado ao outro efeito do significante que é o objeto a , causa da sua divisão, daria conta da economia de gozo que está em jogo na clínica psicanalítica.

O discurso do psicanalista, como um laço social em estreita relação com os outros três, confere ao sujeito particular representação da divisão do aparelho psíquico instaurada pelo inconsciente freudiano. Neste discurso o sujeito encontra-se posicionado no lugar do outro, configurando o inconsciente como a "outra cena". Também é nesse discurso que o sujeito está bem articulado ao objeto causa do desejo, e



ao saber do inconsciente como semi-dizer da verdade para poder produzir os significantes de gozo que o particularizam.

Assim, entendendo-se que a subjetividade está ordenada por certa mobilidade inerente ao sujeito dividido do inconsciente que não está fechado em si mesmo, mas suscetível às vicissitudes do espaço social onde se inscreve, é que vamos realizar o ato psicanalítico e dirigir a cura.

F: O que dizer do sujeito do inconsciente no discurso do capitalista?

AT: Brevemente diria que os princípios que regem a operação que regula e articula os quatro discursos (o do psicanalista, do mestre, da histórica e da universidade) entre si, que é a castração, ficam feridos pelo discurso do capitalista.

Nele o sujeito perde sua mobilidade porque se encontra confundido em sua condição de desejante frente ao objeto que o causa, restando um sujeito iludido pelas promessas de satisfação configurada pela maciça oferta dos objetos de consumo.



SEMINÁRIOS DO CAMPO PSICANALÍTICO

A METÁFORA DO SUJEITO

Jairo Gerbase

A Retórica, segundo Aristóteles, trata de questões comuns a todos os homens, pois, cotidianamente, todos se empenham em examinar ou defender uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação.

Dado que, segundo Freud, o sintoma é uma defesa [*Abwehr*], lidamos também, cotidianamente, na experiência psicanalítica, com a retórica, neste caso, com a retórica do inconsciente, isto é, com fenômenos que se sustentam nas duas leis do processo primário, que são a condensação [*Verdichtung*] e o deslocamento [*Verschiebung*].

Pode parecer que a retórica se restringe ao intelecto, mas isso não é verdade. Sendo uma arte de demonstração, a retórica implica os afetos, como a aversão, a compaixão, a inveja, a indignação, a ira e as demais paixões da alma. Afinal, obtemos a persuasão quando o discurso provoca no ouvinte uma paixão, quando experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio.

Sendo, no nosso caso, uma arte de demonstração da evidência clínica, a retórica deve se suportar no entimema [no argumento que contém um conceito formado de duas proposições: antecedente e conseqüente]. Assim, pode-se distinguir de modo convincente, mais que com o exemplo, o que é um argumento verdadeiro e um argumento verossímil [ou um semblante, que tem a aparência de verdadeiro].

O psicanalista, segundo Lacan, é um retórico, posto que, ele retifica. A retificação é a arte de responsabilizar o sujeito pela demonstração da prova excelente do seu sintoma.

A retórica em Freud - a condensação e o deslocamento - se pode encontrar em cada uma das formações do inconsciente - sonhos, chistes, atos falhos e sintomas.

O estudo das afasias, quando empreendido com a ajuda do comentário de Jakobson - dois tipos de linguagem, duas formas de afasia - nos leva a compreender a retórica em Lacan desenvolvida em Radiofonia, especialmente na terceira pergunta.

Aí se nota porque este privilegia a metáfora e a metonímia como as duas leis fundamentais do inconsciente. Nota-se também o privilégio dado à metonímia como operação de crédito - transferência - para fazer passar o gozo ao inconsciente, o que, mais uma vez, demonstra que na arte retórica também se trata da satisfação da pulsão.

SUPEREU NA CONTEMPORANEIDADE

Fátima Pereira

Na concepção geral de uma ética da psicanálise, onde o sujeito está posto em questão, poderíamos afirmar que uma pesquisa sobre o

supereu certamente se assentaria na seguinte assertiva: "O supereu não é complacente com os bons." Ou melhor dizendo: o agir segundo a moral do "serviço dos bens" não nos livra da culpa. O mal-estar gerado a partir desse quadro vai apontar a destrutividade como a fonte do sentimento de culpa. A severidade da consciência moral, por sua vez, é agravada a cada renúncia pulsional: "Cada fragmento de agressão de cuja satisfação nos abstermos é assumido pelo supereu e aumenta sua agressão contra o eu." (O mal - estar na civilização).

Em suma, a dívida para com o supereu jamais poderá ser paga e o sentimento de culpa será a tônica dessa ambivalência em que vive o homem. Cada fragmento de agressão do qual nos abstermos aumenta a agressão do supereu, cada gozo que viabilizamos aumenta nossa dívida insaldável. É dentro desses impasses da ética que algumas das questões mais relevantes da contemporaneidade serão abordadas e se constituirão em momentos de reflexão mensal do ano em curso.

PSICANÁLISE E FAMÍLIA

Sonia Campos Magalhães

FAMÍLIA é um tema que, através dos tempos, tem suscitado o interesse dos pensadores e estudiosos das questões humanas. Em vários campos do saber podemos encontrar este interesse. Situada, na atualidade, cada vez mais, como objeto de pesquisas, a instituição FAMÍLIA tem sido abordada sob vários ângulos, sendo um deles o de apreender as razões das profundas modificações que vêm ocorrendo na ordem familiar e avaliar as conseqüências destas transformações.

No século XX, a FAMÍLIA foi acusada de ser uma instituição repressiva para os seus membros tendo sido muitas vezes apontada como condenada ao desaparecimento. No entanto, o que os estudos e as pesquisas vêm revelando, é a existência de uma exigência atual feita à FAMÍLIA para reinventar-se e atender às novas aspirações do mundo contemporâneo.

O Seminário Psicanálise e Família, numa articulação com o tema de estudos do Campo Psicanalítico - O sujeito da psicanálise deverá trazer para estudo e debate no próximo semestre de 2003, de forma quinzenal, os seguintes temas:

- A família em questão
- Os três elementos da família : \$, a , A
- Adotar e ser adotado
- Separar-se dos pais: trauma e discurso
- O desaparecimento do mundo infantil
- A questão da adolescência
- Limites à crueldade
- A solidariedade possível

**CURSOS****FUNDAMENTOS DE PSICANÁLISE**

Silvana Pessoa, Amélia Almeida e Jairo Gerbase

Objetivos: Estudar conceitos fundamentais relativos à teoria articulando-os com a clínica psicanalítica, tendo como ponto de partida a indagação: que fazemos quando fazemos análise?

FUNDAMENTOS DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Ida Freitas, José Antônio e Angélica Teixeira

Falar da clínica psicanalítica é falar da clínica do sujeito. O sujeito é o que temos de essencial na experiência analítica. Está representado no discurso do analista por $\$$, que chamamos de sujeito dividido, pontual e evanescente, com o qual se escreve as variações da posição subjetiva do analisando e as modalizações do seu dito e dizer reveladores do inconsciente.

A clínica psicanalítica oferece as condições para que o sujeito dividido do discurso possa ser constituído. Esta operação de construção da subjetividade exige uma decisão do analista e do analisando referidos à ética da psicanálise, que é a ética do bem-dizer. Trata-se de uma decisão ética do analisando a atitude de se preocupar e se confrontar com sua falta-a-ser.

O curso Fundamentos da Clínica Psicanalítica pretende estudar os conceitos psicanalíticos que orientam sua prática, sua técnica e sua ética, articulando-os aos casos clínicos clássicos da literatura psicanalítica em suas diferentes estruturas.

**GRUPO DE PESQUISA**

TEMA: PSICANÁLISE E PSICOSE

Coord.: Ida Freitas

A psicose e o fenômeno da alucinação a ela inerente nos mostram o quanto a mente humana é parasitada pela palavra, por frases que se impõem como injúrias, ofensas, podendo conduzir determinados sujeitos a cometer atos com conseqüências imprevisíveis.

Esta experiência enigmática sempre se mostrou um campo fértil para a pesquisa daqueles que se propõem a estudar os mecanismos do funcionamento mental.

Em nossos tempos, após cem anos de existência da psicanálise, assistimos a constantes questionamentos veiculados pela mídia acerca da eficácia do tratamento psicanalítico, especialmente no que se refere à psicose, numa contraposição às neurociências.

A clínica psicanalítica, orientada por Freud e Lacan, dedica-se à psicose, acompanhando e testemunhando, nesses sujeitos, o trabalho de reconstrução e interpretação delirante da realidade, através da fala.

Portanto, pesquisar a psicose, a partir da teoria e da clínica psicanalíticas, será sempre uma atividade atual e necessária já, que se trata de um saber que se revela novo a cada sujeito, que traz consigo sua rede de significantes e os efeitos desta.

Este grupo de pesquisa funcionará às terças-feiras às 20:00 horas.

IV FÓRUM NACIONAL DA AFCL
Em questão O Sujeito da psicanálise
 14, 15 e 16 de novembro de 2003

**ESCOLA DE PSICANÁLISE DO CAMPO LACANIANO
FÓRUM SALVADOR****O SUJEITO E O OUTRO**

Angélica Teixeira

O Fórum terá como tema de estudo e debate desse ano “O sujeito e o Outro”.

Tomaremos a teoria dos “quatro discursos”, proposta por Lacan em 1969, como ponto de partida para definir o sujeito, o Outro e suas possíveis relações. Aí, o sujeito corresponde a uma letra ou termo e o Outro a um lugar fixo da estrutura de discurso. Eventualmente pode o sujeito ocupar o lugar do Outro como está posto no discurso do psicanalista.

No seminário intitulado “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” proferido em 1964, encontramos rigorosa proposição de Lacan na articulação do sujeito ao Outro através das duas operações da alienação e da separação encontradas no algoritmo da fantasia, no qual, surpreendentemente, escreve no lugar do Outro, o objeto a ($\$ \hat{\vee} a$) e no algoritmo da pulsão, no qual encontra-se no lugar do Outro sua Demanda ($\$ \hat{\vee} D$): “é impossível não integrá-los, por exemplo, à própria fantasia $\$ \hat{\vee} a$ -S barrado, punção de a minúsculo. Não é possível não integrá-los, também, a esse nó radical onde se conjugam a demanda e a pulsão, que se designa o $\$ \hat{\vee} D$ ”.

Com o paradigmático texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, escrito em 1960 - onde o sujeito claramente está definido como o que um significante representa para um outro significante e o Outro definido como o tesouro dos significantes - daremos partida às nossas leituras.

CARTEL

Amélia Almeida

Além das atividades constantes do Programa de 2003, o Campo Psicanalítico abre espaço para a formação de cartéis.

O Cartel é um dispositivo que Lacan inventa e propõe, no Ato de fundação da Escola Freudiana de Paris, em 1964.

Muito mais que uma nova modalidade de grupo de trabalho, o que Lacan formaliza e propõe com o Cartel é, sobretudo, o estabelecimento de uma forma de organização e funcionamento do grupo psicanalítico e da execução do seu trabalho, baseados na ética da psicanálise.

A orientação de Lacan para a composição do Cartel é que este se realize com, pelo menos, três pessoas, no máximo cinco, configurando-se, assim, como um pequeno grupo.

Estes três, quatro, ou cinco, que se escolhem, devem prosseguir um trabalho que deve ter um produto próprio a cada um. Uma vez formado, deverá juntar-se ao cartel, alguém - o Mais-Um - que terá tarefas específicas. Conforme o Ato de fundação, há uma razão para que haja este Mais-Um e entre as tarefas que lhe são atribuídas estão “a seleção, discussão e solução a dar ao trabalho de cada um”.

Há, para o cartel, a indicação de que ele tenha um tempo máximo de 2 anos de duração ao fim do qual se espera a produção de um escrito individual. Cada participante deverá ter sua vertente particular de estudo referente ao tema central definido. É interessante notar que o dispositivo, com o seu funcionamento próprio, formalizado por Lacan, visa possibilitar um trabalho menos sujeito aos efeitos imaginários dos grupos. O fato de existir um tempo estabelecido para a dissolução do cartel deverá ocasionar um efeito de pressa, imprimindo um movimento ao dispositivo e criando condições que favoreçam uma saída da inércia própria aos grupos. Deverá, também, tal como a permuta, prevenir efeitos de “cola”.

Espera-se, do Cartel, que haja a exposição periódica, a céu aberto, dos seus resultados, ou seja, do produto próprio a cada um e, também, das crises de trabalho.

A psicanálise não é para todos, mas pode beneficiar muitos que dela se aproximam. Essa é a orientação da Análise, Clínica Social de Orientação Psicanalítica, criada em 5 de outubro de 2001 pelo Campo Psicanalítico, em parceria com o Grupo Sementes do Amanhã. Nela, jovens praticantes da psicanálise oferecem uma escuta atenta e têm sua prática supervisionada por Membros do Campo Psicanalítico.

Para comemorar o primeiro ano de existência da Análise, o Dr Jairo Gerbase fez, em outubro de 2002, uma palestra aberta ao público sobre "As variantes da constituição do eu". Devido à grande receptividade e à demanda da comunidade para saber mais o que a psicanálise tem a dizer sobre alguns temas, programamos para este ano duas outras apresentações: "As variantes na constituição do supereu", ainda sem confirmação do palestrante, e a "Família e a clínica social", com a participação de Sonia Magalhães.

O trabalho com a clínica social coloca vários questionamentos, que pretendemos, no programa da Análise, no Campo Psicanalítico, pesquisar: a utilização do divã, a duração do tratamento, o pagamento e a particularidade do discurso e da demanda dessa clínica. O que já

podemos afirmar, após um ano de funcionamento, é que o estabelecimento do dispositivo, a criação das condições necessárias para a associação livre, a transferência e a interpretação, já beneficiaram alguns que, em suas experiências pessoais, nunca ou raríssimas vezes foram interpelados em nome do seu desejo e da sua história para saber como orientar-se socialmente ou resolver seus problemas mais difíceis.

Para fazer parte do grupo de voluntários que atendem na Análise, os interessados devem, primeiramente, estar em análise, ser graduado em Psicologia ou Medicina, preferencialmente, ou estar nos últimos semestres de um desses cursos. Todos os pedidos devem ser dirigidos à coordenação da Análise, que entrevistará os candidatos e submeterá o nome e a experiência de cada um deles à apreciação dos Membros do Campo Psicanalítico. As demandas de atendimento devem ser dirigidas à Secretaria do Campo Psicanalítico, das 15 às 18 horas.

III JORNADA DO CAMPO PSICANALÍTICO



O SUJEITO DA PSICANÁLISE

13 e 14 de novembro de 2003

CAMPO PSICANALÍTICO ILHÉUS

O Sujeito da Psicanálise, tema do Programa 2003 do Campo Psicanalítico, é o sujeito do desejo, efeito de linguagem. Distinto tanto do indivíduo biológico como do sujeito da compreensão, ele não possui ser. O trabalho da psicanálise consiste em fazer emergir esse sujeito, que se manifesta privilegiadamente nas formações do inconsciente.

O programa do Campo Psicanalítico de Ilhéus, no seu segundo ano de atividades, pretende contemplar, em 2003, cinco propostas de estudo: em sintonia com o Campo Psicanalítico de Salvador, seguirá o texto Radifonia, de Lacan, enfocando a estrutura de funcionamento do inconsciente, segundo suas leis fundamentais: condensação e deslocamento, para Freud, e metáfora e metonímia, para Lacan; e com o seminário O Supereu na Contemporaneidade, abordando questões atuais, tais como a busca desregrada por um gozo sem limites, a supremacia do individual sobre o coletivo, as frequentes manifestações de violência desmedida, que carecem de uma investigação à luz do conceito de supereu, conceito que conjuga lei e gozo. Para os profissionais que se dedicam à clínica, haverá o curso A Direção do Tratamento - uma introdução

à Técnica Psicanalítica e, para os iniciantes, o curso Fundamentos da Teoria Psicanalítica.

A psicanálise apreende o "seu" sujeito predominantemente na sua prática clínica, mas sabemos que ele não é exclusividade desse campo. Sujeito é um termo utilizado por muitas áreas do conhecimento, em acepções diversas. Segundo Lacan, "a psicanálise não tem o privilégio de um sujeito mais consistente, porém deve, antes, permitir esclarecê-lo igualmente nas vias de outras disciplinas." É assim que, em intercâmbio com outros saberes, será realizado o seminário O Sujeito e o Outro.

Encerrando a programação, Sonia Magalhães apresentará o resultado de sua pesquisa "Psicanálise e Família".

Coordenação: Simey Soeiro

Tesouraria: Conceição Vita

Secretaria: Vitória Cabral

Biblioteca: Eulina Gesteira

CAMPO PSICANALÍTICO SALVADOR

Diretor: José Antônio Pereira da Silva

Secretária: Ida Freitas

Tesoureira: Amélia Almeida

Comissão de Publicação e Biblioteca

Ida Freitas, Sonia Magalhães e Angélica Teixeira

Comissão de Divulgação e Homepage:

Jairo Gerbase e José Antônio Pereira da Silva

Análise

Coordenação: Silvana Pessoa

Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano - Fórum Salvador

Coordenadora: Angélica Teixeira

Coordenadora de Cartéis: Amélia Almeida

Representante da CAI: Sonia Magalhães

Secretária Tesoureira: Ida Freitas



Campo Psicanalítico de Salvador
Av. Reitor Miguel Calmon, 1210
Centro Médico do Vale • Sala 110
Vale do Canela • CEP 40110-100 • Salvador • BA
Tel.: (71)245.5681 / Fax (71) 247.4548
accp@pcampopsicanalitico.com.br
www.campopsicanalitico.com.br

Campo Psicanalítico de Ilhéus
Rua Farani de Freitas, 83 • Cidade Nova
Tel.: (73) 634.8281 / Fax: (73) 634.2861

Associação Fórum do Campo Lacaniano
afclsite@campolacaniano.com.br
www.campolacaniano.com.br